

A atmosfera da tarde de ontem, daquela tarde curiosa que fez ruir os contrafortes da minha mente e abriu a minha alma para experiencias nunca tidas, como evoca-la? Como o faço todos os sábados, tinha almoçado fartamente: consomé, salada russa, boeuf Stroganoff, (delicioso), e torta de café com creme. O cafêzinho e o Cointreau foram servidos no terraço. Reclinei na poltrona e preparei-me ao gozo do meu Havana Supremo. Fiz derreter a fumaça dentro da boca fechada e expeli, suavemente, a minha respiração cinza-azulada contra o ceu limpido que encobria, qual cúpula de cristal, o meu jardim. Minha vista e meu pensamento seguiram a fumaça na sua subida até o ceu, e reinavam a paz e o silencio, e o tempo tinha parado. A minha vista perdia-se no azul profundo do ceu, e os meus pensamentos perdiam-se no azul profundo do esquecimento. Tal qual a fumaça, os pensamentos seguiram um rumo vago e incerto, pairavam e flutuaram no espaço azul, para, por fim, derreter-se no silencio informe. Tal qual o charuto, o meu Eu ficou sempre menor, e o espaço ao meu redor se tornava mais aromático graças aos pensamentos que se derretavam. De repente senti uma leve briza a levantar-se e a reformular os pensamentos que pairavam, informes, ao redor do Eu. Era um vento suave que levava os pensamentos consigo, elevando-os e dando-lhes forma de anéis concentricos:

calma  
a alma  
sobe silenciosamente  
a escada espiral dos sentidos  
até aos suaves sábios conscientes e desconhecidos seres nao sidos.

Assim o vento transformou os pensamentos e os tornou mais leves e os elevou até os seres nao sidos. O ceu nao mais era azul, mas dourado. Debaixo dele nao mais estava meu jardim, mas uma paisagem nunca vista, estranha e deliciosa. Eram colinas irregulares, de formas bizarras, de areia preta, azul e verde. As areias se misturavam e separavam e formaram mil composições de cores e figuras. A paisagem era como que canelada e organizada por um ancinho e formava círculos, elipses e espirais intrincados. Entrecaladas nesse desenho havia ilhas de plantas que se inclinavam e acenavam. (Ou eram animais ancorados?) As plantas (ou animais?) eram roxas, e brancas, e amarelas, e susurravam como abelhas melodiosas. Havia lagos, correços e

riachos de águas cristalinas, ou opacas de mil cores, ou espumantes como champanha. O fundo das águas era de mármore ou de cascalho. As águas eram cobertas por uma rede de pontes, pontes retas e pontes curvas, pontes convexas e pontes pontudas. Sobre as pontes andavam e passeavam, perambulavam e desliziavam, os seres não sidos.

Os meus pensamentos desciam lentamente e aterrissaram na paisagem ainda não criada. Juntaram-se, formaram um "Eu", e penetraram o futuro. Assim eu perambulava e passeava junto com os seres não sidos por sobre as pontes até as colinas de areia. Calmamente, eles me acompanharam e me conduziram até uma colina preta, formaram um círculo ao meu redor, e um deles falou as palavras seguintes: "Seja bem vindo, ó homem dos tempos idos e mundos passados, ó querido ser pré-histórico e primitivo! Foste por nós evocado para nos dar prazer e conhecimento. Não foi com leviandade que te fizemos surgir do poço do passado. Honra e deferência devemos a ti, venerável ancestral, gentil bichinho peludo. Bem vindo seja!" Ai todos se inclinaram em reverência profunda. "Estamos sedentos de beber da fonte de tua ingenuidade, de tua originalidade, de tua força vital primitiva, ó pai animalesco. Faça com que possamos apreender algo da tua brutalidade, afim de reconquistarmos a dramaticidade ancestral da luta, a tensão primitiva da dialética, a vivência da diferença. Ajude-nos a evitar a nossa dissolução na integração, ajude a evitar a dissolução da vida na poesia. Estamos caminhando, cansados e desesperados, pelas veredas da beleza até a harmonia perfeita, até a morte."

Estas palavras obscuras e quase incompreensíveis fizeram nascer em mim compaixão e simpatia: "Meus queridos filhos e netos, vocês me evocaram e eu apareci, e quem poderá dizer se fui provocado ou se surgiu espontaneamente? Aqui estou e farei o possível de ajudar-vos. Entretanto as tuas palavras, querido filho, são difíceis para uma mente primitiva como a minha. Falas na dissolução na poesia, falas na morte da harmonia perfeita. Não será, entretanto, a beleza organizada, portanto a sociedade perfeita, a meta da vida, o paraíso?"

"Bem dita seja a tua múltipla simplicidade. Nós somos, ó pai, seres de uma simplicidade total e perfeita. Somos seres belos. Todos os nossos pensamentos são simples e belos, são matematicamente perfeitos. Todos os nossos sentimentos são simples e belos, são poesias perfeitas. Todas as nossas

vontades são simples e belas, são virtudes perfeitas. Tudo que fazemos é arte. Tudo em nosso redor e tudo em nosso interior é simples e perfeito, é arte. A paisagem que vê é artificial, as plantas e animais são artificiais, os sentimentos que nutrimos uns pelos outros são artificiais, a própria conversação que estamos tendo neste momento é um artifício e uma artemanha. O próprio egoísmo, o amor que cada um sente por si, tornou-se artificial, pois deixamos de crer na autenticidade de nós mesmos. Percorremos o caminho terrível da vivência até o conhecimento, da fé até o saber, do medo do acaso até a certeza das leis descobertas e aproveitadas. As coisas deixaram de ser inimigas e transformaram-se, todas, em instrumentos. Foram todas compreendidas. Os homens deixaram de ser inimigos e transformaram-se, todos, em instrumentos. Foram todos compreendidos e não podem ser mais amados nem odiados. E o pior: conhecemos a nós mesmos, não temos mais um subconsciente. A nossa mente é clara, límpida, transparente, somos simples. Somos instrumentos para nós mesmos. A nossa vida, (se é que isso é vida), reside na criação de obras de arte, no reagrupamento sempre perfeito de elementos compreendidos, no reagrupamento sempre perfeito de coisas, de homens e de pensamentos. O pai animalesco e venerado, ensine-nos a temer e a desejar a coisa, a temer e a desejar o homem, a temer e a amar a nós mesmos."

Sorrindo, respondi: "Meus queridos filhos. Vocês perderam a noção do tempo. A sua simplicidade, a sua incapacidade de temer, de odiar e de amar, a sua perfeição, é a verdadeira primitividade. Vocês voltaram ao estágio do protoplasma original nas praias do oceano das horas passadas. Estais no fim, mas igualmente no começo da roda da vida. Não posso ajudar-vos. Sou a um tempo ingenuo demais e adiantado demais para que possamos entender-nos. Sou demasiadamente velho e jovem."

Passou um suspiro pela roda dos seres, qual acorde de oboes e flautas. Chorando suavemente, o orador proferiu as seguintes palavras: "Como és sábio em tua velhice e juventude, és nosso pai e neto. Adeus, querido ser brutal, volte ao teu corpo animalesco."

Perdi o fio dos meus pensamentos. Quando estes se reuniram de novo, quando "cheguei a mim", o charuto, quase inteiramente consumido e transformado em cinza, apagou-se.